

ACADEMIA DE LETRAS DA MAGISTRATURA MINEIRA

Desembargador Kildare Gonçalves Carvalho

Discurso realizado em nome dos acadêmicos empossados no dia 20 de agosto de 2026

Em atos sociais e culturais como este, alguém é designado para fazer um discurso, e, em razão da benevolência das acadêmicas e dos acadêmicos, que ora se empossam, fui o escolhido para saudar a todas e a todos neste ato de instalação da Academia de Letras da Magistratura Mineira, criada pela AMAGIS, sob a presidência da magistrada Rosimere das Graças do Couto.

Como referido por Gabriel García Márquez, na despedida de seus companheiros do ensino médio, nos idos de 1944, eu não vim propriamente fazer um discurso, mas falar da importância que este momento representa em nossas vidas.

Vejo-me, agora, como membro-fundador desta Academia, naquela situação lembrada pelo Professor Raul Machador Horta, ao se empossar na Academia Mineira de Letras, no ano de 1990: o Doge da República de Gênova, que fora a Versalhes penitenciar-se perante Luis XIV, deslumbrado na contemplação dos jardins maravilhosos, e perdido no devaneio provocado pela beleza das formas, respondeu a alguém que o despertou daquela visão prodigiosa, indagando-lhe o que lhe parecia mais extraordinário naqueles jardins: o que aqui mais me espanta é a minha própria presença.

Este é, com efeito, o sentimento que me domina ao ascender a esta culminância, que é a Academia de Letras da Magistratura Mineira, para ocupar a Cadeira que tem como patrono justamente o Professor Raul Machado Horta.

De origem grega, as Academias, inicialmente dedicadas ao helenismo e à filosofia, renasceram na Itália do quatrocentos. Essas Academias renascentistas passaram a reunir pessoas com interesses e ideário comuns, até o surgimento das Academias modernas, centros de intercâmbio de experiência, ideias, inquietação e enriquecimento cultural, notadamente em benefício da sociedade, e voltadas para as requisições da vida contemporânea.

Em seu discurso de posse na Academia Mineira de Letras, o inesquecível Desembargador José Fernandes Filho, indagava: “o que é uma academia? Local em que Platão ensinava filosofia? Sede de entidade de pessoas com iguais objetivos? Esta, em que nos reunimos, sobre mineira, é de letras, no passado e futuro promissor. Dois qualificativos que muito dizem. Um, rejeição à temeridade; outro, acolhimento à austeridade. Nem surda, nem muda, nossa Academia escuta e inquire. Enganam-se aqueles que a percebem estática e indiferente. Ela pensa, reflete, interroga. Dialoga mansidão de mãe, ou questiona, rigor de juiz. Mais do que diálogo franco, quase um julgamento, dia virá para o redentor confronto da Academia com o acadêmico. À sua ocorrência, experimentaremos a alegria de quem foi fiel ou a tristeza cinzenta de quem sente remorso. Estou seguro de que, a despeito do imponderável, estaremos juntos. Exigente, nossa unidade cobrará a renovação do juramento: vida sem serviço é desserviço.”

No mundo de hoje, diferentemente da pós-política, em que, no plano social, foram valorizados o individualismo, o hedonismo e a intimidade, e da antipolítica (desprezo pela hierarquia e pelas instituições), prevalece a hiperpolítica, politização extrema sem consequências políticas (Anton Jäger), em que tudo explode e nada muda (Zoe Williams).

Daí o irrecusável papel das Academias, que são a chave para abrir nossa mente, aperfeiçoar nosso trabalho e nossa vida, pois é por meio de perguntas que a gente descobre alternativas para o aperfeiçoamento constante, para crescer e evoluir.

Noutro norte, assinalo que as magistradas e os magistrados, que integram ou integrarão esta Academia, são aqueles comprometidos com uma dogmática aberta e plural, construtores de um Direito voltado para a especulação, raciocínio teórico e espírito crítico, e não um direito feito de éter, posto que necessários carne e osso para sua efetivação, nem um direito feito de sonhos, já que imprescindível a vigília de todos nós que integramos esta Academia.

Estou convicto de que a Academia de Letras da Magistratura Mineira é o centro que cultiva e preza os valores da inteligência, do saber, da dignidade da pessoa humana, e busca novos caminhos baseados na reflexão e no pensamento crítico, em ordem a conceber o Direito como síntese, história e mediação, consenso e dissenso, situado em seu tempo e lugar.

Cecília Meirelles, no *Romanceiro da Inconfidência*, dizia não acreditar numa humanidade, numa alma da pessoa sem a palavra.

Por isso mesmo é que nesta Academia renasceremos como seres humanos, no convívio e nas reuniões que se sucederão.

